

O papel do videorrepórter na televisão contemporânea: um estudo da atuação do telejornalista no Rio Grande do Norte.¹

Valquíria Aparecida Passos KNEIPP²
Francisco das Chagas SALES JÚNIOR³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo: Este artigo buscou compreender as práticas sociais e elementos que (re)configuram o telejornalismo no Rio Grande do Norte. Foi realizado um estudo de caso (YIN, 2015) da atuação dos videorrepórteres da Inter TV Cabugi, primeira emissora potiguar a contratar jornalistas para atuar nessa função. O objetivo foi identificar as rotinas produtivas, bem como as dificuldades enfrentadas para realizar múltiplas tarefas e a qualidade do material produzido. Foram realizadas entrevistas com três repórteres e dois editores, além pesquisa bibliográfica e análises de plataformas de streaming, sites e redes sociais. Essa investigação se apresenta como um registro histórico da trajetória do telejornalismo e como uma revisão do conhecimento sobre a TV no estado. Ao analisar a atuação dos videorrepórteres potiguares, foi possível verificar indícios de precarização da profissão de jornalista e uma queda na qualidade das produções.

Palavras-chave: Telejornalismo; TV Regional; Videorrepórter; Inter TV; RN.

Introdução

A televisão surge no Brasil, em 1950, quando o rádio era a única referência de mídia eletrônica de grande alcance e popularidade. Por isso, nos primeiros anos, a TV brasileira contou com a experiência desses profissionais que trabalhavam em produções radiofônicas (BARBOSA, 2010). Afinal, naquele momento não existia um mercado televisivo nem uma linguagem própria para o então novo veículo de comunicação. “Ao contrário da televisão norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve de se submeter a influência do rádio, utilizando inicialmente sua estrutura, o mesmo formato de programação, bem como seus técnicos e artistas” (MATTOS, 2010, pag. 53).

No Nordeste, a televisão chega apenas na década de 1960, mas enfrentando as mesmas dificuldades observadas na implantação da TV no sudeste do Brasil. Com inauguração da primeira emissora nordestina, a TV Rádio Clube de Recife, pertencente aos Diários Associados, foi preciso capacitar as equipes que ficariam responsáveis por colocar o canal no ar, bem como

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora com estágio pós-doutoral em comunicação pela Unesp-Bauru. E-mail valquiriakneipp@yahoo.com.br

³ Jornalista e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail jornalistafranciscojunior@gmail.com

os profissionais que iriam produzir o conteúdo. “Os dirigentes do Canal-6 procuraram capacitar e aprimorar os seus profissionais com um breve curso de produção e realização voltado para a preparação do corpo de realizadores, diretores, assistentes e alguns segmentos da área técnica” (SANTANA, 2007, p. 13).

Com a expansão das emissoras de TV pelo país, a produção de televisores em território nacional e o surgimento e regulamentação da radiodifusão educativa brasileira, a televisão chega ao Rio Grande do Norte, em 1972. Inicialmente, para fins educativos com a produção de transmissão de tele aulas do projeto Satélite Avançados de Comunicação Interdisciplinar, que levava educação básica aos alunos de escolas públicas na capital e no interior do estado (PEDROZA, 2017). Assim como nos demais estados, na época não existiam profissionais específicos ou preparados para realizar as produções televisivas. “O primeiro grande obstáculo a ser transposto naquele momento de dúvidas e descobertas foi justamente a ausência de pessoal qualificado no país para a produção de programas de rádio e TV com fins pedagógicos” (PEDROZA, 2017, p. 138-139).

A qualificação das primeiras equipes de televisão no Rio Grande do Norte não serviu apenas para as produções educativas. Com a chegada das primeiras emissoras comerciais do estado, em 1987, muitos desses profissionais foram requisitados para atuar tanto nos canais de TV quanto no mercado publicitário (PEDROZA, 2017). Algo justificado pela experiência que havia adquirido e pela carência de profissionalização que o mercado ainda enfrentava.

Na TV Ponta Negra, primeira emissora comercial potiguar, a solução encontrada foi formar os próprios profissionais que iriam atuar no canal, afiliado ao SBT. De acordo com Sousa (apud BEZERRA, 2017, p. 164), o fundador da empresa, Carlos Alberto de Sousa, “pegou cinco primos dele, da fazenda ‘Ariosa’, em Angicos, e ele trouxe esses primos e distribuiu as funções da TV. Então, o que era tratorista se transformou em cinegrafista, o que era o vaqueiro se transformou no operador de VT”.

Na TV Cabugi, afiliada da TV Globo no Rio Grande do Norte, a profissionalização das equipes aconteceu com a ajuda da rede nacional. Como era da política organizacional do Grupo Globo na época, quando uma nova afiliada era implantada eram enviados para o estado profissionais que ficariam responsáveis por formar os profissionais que iriam atuar diretamente na produção dos programas e telejornais locais. “Com a instalação da TV Cabugi, vieram pra cá editores de texto, editores de imagem, produtores e repórteres responsáveis por formar e profissionalizar a equipe que estava sendo formada” (JÚNIOR, 2014, p. 28).

Com o desenvolvimento do mercado televisivo potiguar, observou-se uma profissionalização tanto de pessoal quanto tecnológica. Atualmente, o uso de equipamentos

móveis, transmissões pela internet e a emergência de novos formatos e linguagens, propiciam a emergência e consolidação de novos tipos de profissionais. Um deles é o videorepórter, que executa múltiplas tarefas dentro do telejornalismo. Ao mesmo tempo que apura as informações, ele também grava imagens e entrevistas, além de, em alguns casos, editar o material.

Nesse contexto, esta pesquisa busca compreender melhor o papel do videorepórter no telejornalismo contemporâneo, com foco na formação e atuação do telejornalista no Rio Grande do Norte. O estudo partiu dos questionamentos de como esses profissionais realizam as atividades diárias, quais as dificuldades e qual a qualidade do material produzido. Para isso, foi realizado um estudo de caso (YIN, 2015) da Inter TV, primeira emissora a contratar jornalistas para trabalhar especificamente nessa função. Foram realizadas entrevistas com cinco repórteres e editores da emissora, além de consultas a arquivos de vídeo, sites e redes sociais.

Este trabalho se justifica pela necessidade de compreender melhor as mudanças que a televisão passou e vem passando nos últimos anos. Acredita-se que esta investigação contribui para o desenvolvimento do conhecimento sobre a regionalização da TV no Brasil e para identificar as práticas sociais e os elementos que ajudaram e ainda ajudam a configurá-la na contemporaneidade. Além disso, apresenta-se como ponto de partida para a realização de novas pesquisas sobre o ecossistema televisivo.

A formação do telejornalista brasileiro

A pesquisa realizada sobre a trajetória de formação do telejornalista brasileiro por Kneipp (2008) apresentou por meio de aspectos históricos dos profissionais de telejornalismo, três fases a saber: a primeira fase, abrangendo as décadas de 1950 e 1960, denominada como radiofônica; a segunda fase, compreendendo as décadas de 1970 e 1980, denominada de cinematográfica e modelo americano; e a terceira fase, de 1990 até meados dos anos 2000, denominada de fase internet e SBTV-T.

De acordo com a autora, a primeira fase (1950 – 1960) recebe essa denominação por se aproximar do modelo radiofônico, mas conter a imagem, por isso também identificada por Sampaio (1971) como “rádio com imagens”. Outro fato que corrobora com essa proposta é que “os primeiros profissionais a serem convocados para trabalhar na televisão foram os radialistas, visto que a tecnologia, até então, era muito parecida, pelo menos no que diz respeito ao sistema de radiofusão de som e imagens” (KNEIPP; 2008, p.89).

Um fator que contribuiu para que os radialistas fossem para a bancada do telejornal foi a voz e a capacidade de improvisar. No caso específico da TV Tupi, houve uma convocação

por parte do jornalista e empresário Assis Chateaubriand para que os profissionais do grupo aderirem ao novo veículo de comunicação. “O estilo do jornal era quase um jornal de rádio, lido diante da câmera. Não tinha teleprompter, o jeito era pegar as laudas e ler olhando ora para a câmera, ora para a lauda” (Fanucchi apud Kneipp, 2008, p. 89). Outro fator marcante dessa trajetória é o fato que o primeiro telejornal de sucesso da televisão brasileira foi Repórter Esso, que também foi importado do rádio para a televisão.

A segunda fase (1970 – 1980) envolve dois paralelos circunstanciais – a participação dos cineastas na produção de conteúdo do Globo Repórter e a adoção do modelo americano para o telejornalismo brasileiro. De acordo com Kneipp (2008), um grupo seletivo de cineastas contribuiu de forma significativa e com autonomia realizando produções exemplares. “Os documentários eram verdadeiras obras de arte, pois inovavam na linguagem, na montagem e na narrativa” (KNEIPP, 2008, p. 110). Fizeram parte desse grupo João Batista de Andrade, Gregório Bacic, Eduardo Coutinho, Hermano Penna e Fernando Pacheco Jordão, entre outros.

Além disso, foram observadas inúmeras inovações tecnológicas como o uso do cromaqui, do teleprompter, do filme colorido, entre outros. De acordo com Mello e Souza (1984 apud Kneipp 2008; p. 105), “a partir do teleprompter, o locutor não ficou mais obrigado a fazer aquele incômodo movimento de baixar e levantar a cabeça, de olhar para a câmera e voltar ao texto do script, lendo com mais naturalidade, sem ter que se preocupar em olhar no script e olhar para a câmera”.

O final dessa fase é marcado pelos efeitos do Jornal Nacional, como uma cópia do modelo americano no telejornalismo brasileiro. “Com o sucesso do JN, nos anos 80, se efetivou e foi copiado por todas as emissoras do país, como um padrão hegemônico. As novas emissoras que surgiram incorporaram o padrão, com pequenas adaptações e alterações, que já estavam em curso desde a implantação da televisão no Brasil” (Kneipp, 2008, p. 153).

Para Kneipp (2008), na terceira fase (1990 - 2000), com a chegada dos computadores nas redações e posteriormente a internet, começou o processo de digitalização da televisão no Brasil, com SBTv-T – Sistema Brasileira de TV. Com isso, a fase identificou políticas estruturais, que passariam a nortear o trabalho do telejornalista na era digital, devido a sua abrangência e especificidade. Aspectos iniciais sobre a convergência da televisão com outras mídias são vislumbrados com a mudança da tecnologia analógica para o digital. Ressaltando a nova batalha do telejornalista brasileiro com a interatividade proporcionada pela nova tecnologia. Kneipp (2008) também apresenta uma série de tendências, desafios e perspectivas para o telejornalista brasileiro depois da digitalização. Ressaltando a necessidade da formação acadêmica sólida, que vem se aprimorando desde os anos 1970.

Na atualidade, com o processo de digitalização da televisão brasileira quase finalizado, novos desafios foram lançados ao telejornalista, como a volta do profissional multifunções. Onde o telejornalista precisa produzir pautas, reportar, editar e muitas vezes transmitir ao vivo, a partir de um telefone celular. Além disso, alguns golpes sofridos, como a desregulamentação da profissão e a queda da audiência colocam o profissional diante da videoreportagem. Para Kneipp (2018, p. 42), “considera-se a videoreportagem como uma variação do que se conhece como reportagem televisiva (com off, sonora e passagem), porque utiliza de artifícios ligados ao experimentalismo, como câmera na mão e, ainda, é uma produção solitária”. Thomaz (2007, p. 19) faz algumas considerações sobre a prática da videoreportagem na atualidade, ao apontar que a “era eletrônica, nasceu de tentativas empíricas, sem garantias de perfeição e certeza, nem seguir uma regra geral de como deveria ser produzida ou em quais gêneros e formatos melhores seria adaptada.”

Para Kneipp (2018), a produção de uma videoreportagem geralmente é de baixo custo e a proposta é que um único profissional execute todas as etapas da reportagem. Desde a pesquisa, produção, entrevistas e imagens. Por outro lado, essa possibilidade de produção levanta uma velha polêmica em relação as funções do profissional de comunicação, que desenvolve todas as etapas de produção. “O fio condutor para originar o conhecimento sobre as possibilidades de novos modos de produção de mídia e de sensações, por meio da multifuncionalidade profissional” (THOMAZ, 2007, 19). Essa multifuncionalidade do profissional para a construção da videoreportagem é também denominada polivalência, que vem a ser uma manifestação da convergência profissional, que de acordo com Aliaga, Avilés e Masip (2009) está dividida em três modalidades: funcional, temática e midiática.

O telejornalismo no Rio Grande do Norte

Ao analisar a trajetória da televisão aberta no Rio Grande do Norte é possível identificar momentos que contribuíram para a expansão das emissoras em território potiguar e práticas sociais que a configuraram ao longo de quase 50 anos, além dos contextos histórico, socioeconômico e político, tanto do país quanto do estado. São pelo menos quatro fases de desenvolvimento identificadas até o momento por nossa pesquisa de doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que ainda está em desenvolvimento (KNEIPP; SALES JÚNIOR, 2021).

A primeira fase é delimitada pelo período em que a TV Universitária do Rio Grande do Norte foi a única experiência de televisão desenvolvida no estado, a partir de dezembro de 1972.

Durante 15 anos, a TVU foi o único canal com produções e transmissões locais voltadas para o povo potiguar (PEDROZA, 2017). Antes disso, o sinal das redes nacionais de TV chegava apenas por meio de antenas retransmissoras, mas com baixa qualidade, tendo em vista os chuviscos nas imagens e os ruídos no som (LINS, 2017).

Nesse primeiro momento, o canal era voltado apenas para a transmissões de tele aulas do projeto Satélite Avançado de Comunicação Interdisciplinar (SACI), que fazia parte do Programa Nacional de Teleducação (Prontel), desenvolvido pelo Governo Federal para combater o analfabetismo no país. Para isso, eram produzidas aulas por equipes de profissionais da TV, atores e especialistas em educação e o conteúdo era veiculado em escolas públicas.

Essa experiência, pioneira no Rio Grande do Norte, consistia na recepção de aulas produzidas no Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE), em São José dos Campos (SP), e transmitidas, via satélite, em sinal aberto para Natal e região metropolitana. As aulas para o interior do estado eram distribuídas via retransmissores instalados em locais estratégicos, atingindo uma área de cerca de 60% do Rio Grande do Norte, principalmente em lugares onde, à época, não havia energia elétrica. Isso exigia que os aparelhos de TV fossem alimentados por baterias veiculares, substituídas a cada 15 dias. (TVU, 2022)

Por tanto, nos primeiros anos, a programação da TVU era voltada exclusivamente para atender aos fins educativos do projeto Saci. Nesse período inicial, ainda não era produzido telejornalismo local. O que, segundo Souza e Kneipp (2017), só ocorreu um ano depois.

O noticiário jornalístico surgiu na tela da TVU, ainda em 1973, produzido por uma pequena equipe de jornalistas. Sem câmeras para gravar nas ruas de Natal, as reportagens eram produzidas em slides, apenas eventos importantes da UFRN eram registrados em filme. No final da década de 70 os repórteres já podiam gravar suas reportagens na rua. (SOUZA; KNEIPP, 2017, p. 5)

Nesse contexto, a TVU seguiu como a única produtora de telejornalismo local no Rio Grande do Norte. Foi assim até a chegada das primeiras emissoras comerciais do estado, em 1987. Esse é o marco que dá início a uma segunda fase da trajetória da televisão potiguar, em que se observa a expansão das emissoras e a profissionalização das equipes e da programação (KNEIPP; SALES JÚNIOR, 2021).

Com a inauguração da TV Ponta Negra, afiliada ao SBT, em março de 1987, os potiguares passaram a ter acesso a outra fonte de telejornalismo. Fundada pelo ex-senador Carlos Alberto de Sousa, o canal investiu em uma programação mais popular.

Carlos Alberto tinha a ideia de colocar vídeo nos programas de rádio que já faziam sucesso. Patrulha Policial (Patrulha da Cidade era o programa de maior audiência na Rádio Cabugi), o Povo na TV (que fazia sucesso em SP) e um

embrião de jornalismo no SBT, o Noticentro, que tinha o formato dos noticiaristas de rádio trazerem os fatos do dia. (BEZERRA, 2017, p. 164-165)

No mesmo ano, surgiram ainda a TV Cabugi, afiliada da TV Globo, e a TV Tropical, na época afiliada a TV Manchete. Em 1990, o Rio Grande do Norte ganha mais uma emissora comercial, a TV Potengi, afiliada à Band (KNEIPP, 2017). Desde a inauguração, esses canais também começaram a produzir telejornalismo local, seguindo os padrões das redes as quais estavam afiliadas, reproduzindo no estado os formatos de telejornais elaborados por elas e repassados para as afiliadas. A maioria dos noticiários era voltado para a divulgação de assuntos e problemas das comunidades, principalmente no horário do meio-dia (SALES JÚNIOR, 2020). Também é nesse período que as equipes de jornalismo e técnicos passam por constantes capacitações, a fim de tornar os trabalhos deles e a programação mais profissionalizados.

Em uma terceira fase da trajetória da televisão do Rio Grande do Norte, se verificou um momento de transição administrativa, com a venda de algumas emissoras para outros grupos empresariais (KNEIPP; SALES JÚNIOR, 2021). Foi o que aconteceu com a TV Cabugi, que passou a fazer parte do Grupo Inter TV; com a TV Ponta Negra, vendida para o Grupo Opinião de Comunicação; e com a TV Potengi, que passou a ser emissora própria do Grupo Bandeirantes de Comunicação. Com essas mudanças, houve uma reestruturação nos departamentos de jornalismo e os telejornais passaram a ser produzidos por equipes cada vez mais reduzidas.

Também foi nessa fase quando as emissoras de TV iniciaram a transição do sinal analógico para o digital, o que exigiu investimentos em novas tecnologias e foram observadas mudanças no formato e na qualidade dos telejornais (KNEIPP; SALES JÚNIOR, 2021). A Inter TV Cabugi foi a primeira a inaugurar um canal digital, em março de 2010, ao vivo no RNTV 2ª edição. “Como a nova tecnologia, passou a contar com imagem em alta definição, excelente qualidade de som, interatividade com os programas e mobilidade, pois os programas e jornais podem ser vistos por meio de aparelhos portáteis de TV ou celulares” (JÚNIOR, 2014, p. 148).

Com o encerramento das transmissões analógicas, em 2018, teve início a quarta e atual fase da trajetória da televisão potiguar, onde se destacam a qualidade digital das transmissões e a mobilidade dos aparelhos receptores da programação televisiva (KNEIPP; SALES JÚNIOR, 2021). Também foi nesse momento que os telejornais passaram a investir em vários canais de interação com os telespectadores, por meio das redes sociais ou internet como um todo. A produção de reportagens e informações passou a contar com uma participação mais ativa do público, que passou a enviar vídeos e fotos, além de fazer mais denúncias e confirmar informações no momento em que os fatos estão acontecendo em todo o estado.

Essa contribuição tem sido fundamental para que cada jornal traga um resumo dos principais acontecimentos do Rio Grande do Norte. Quantas vezes assistimos na TV as imagens de um acidente de trânsito gravadas em um celular? Ou flagrantes de assaltos registrados pela câmera de segurança de uma residência? Por meio delas, temos a oportunidade de ter uma visão geral do que se passa a nossa volta. (JÚNIOR, 2014, p. 58)

Além da produção colaborativa, entre as emissoras de TV e os telespectadores, as transmissões pela internet também se tornaram mais comuns nesse período da televisão do Rio Grande do Norte. Em 2014, principalmente por causa da realização de jogos da Copa do Mundo em Natal, a Inter TV Cabugi começou a produzir reportagens utilizando equipamentos portáteis de transmissão (JÚNIOR, 2014). Em seguida, as demais emissoras também passaram a utilizar novas tecnologias para produzir e fazer transmissões ao vivo. O que trouxe mais agilidade para os telejornais locais e mobilidade para as equipes de reportagem.

Apesar de já vir sendo utilizada eventualmente pelas emissoras de televisão no Rio Grande do Norte, em coberturas especiais ou factuais, a videorreportagem passou a ser utilizada diariamente em novembro de 2019, quando a Inter TV, afiliada da TV Globo, contratou profissionais especificamente para desempenhar a função de videorrepórter, que passaram a realizar diversas tarefas sozinhos. Diferentemente de antes, quando eram realizadas por equipes completas, compostas por repórter, cinegrafista, produtor, editor de texto e de imagens e auxiliar técnico, quando a cobertura exigia a atuação desse profissional (JÚNIOR, 2014).

Por tanto, com o crescimento e desenvolvimento da televisão no Rio Grande do Norte, apoiados em novas tecnologias, o telejornalismo potiguar foi crescendo, ganhando novas formas, realizando novas práticas sociais e se reconfigurando. A produção da notícia agora é feita com mais agilidade, direto do local dos acontecimentos, com menos pessoal e com a colaboração direta do telespectador na construção das reportagens e apuração das informações.

O videorrepórter na Inter TV

Inicialmente, foram contratados sete jornalistas para atuar como videorrepórter na Inter TV, produzindo reportagens para os jornais diários. Santos (2022), uma das primeiras contratadas para essa função na Inter TV, detalha quais são as atividades diárias atribuídas a esses profissionais, além da estrutura e condições que oferecidas pela emissora.

O videorrepórter faz tudo desde pautar, gravar e editar o material que vai para o ar. Saímos com um celular, um tripé e um microfone para fazer as reportagens na rua e o deslocamento é feito por motorista por aplicativo. O

trabalho é cansativo pois, como faço tudo só, acabo me sobrecarregando. (SANTOS, 2022, informação verbal⁴)

Nos telejornais, a participação do videorepórter é semelhante à do repórter que trabalham com cinegrafista. Ele atua tanto em coberturas factuais, com acontecimento de última hora, quanto em reportagens planejadas e produzidas. É o que explica Rafael (2022), editor chefe do Bom Dia RN, sobre o formato dos conteúdos produzidos por esses profissionais.

Eles participam de entradas ao vivo nos jornais e fazem reportagens de rua no formato tradicional (off + sonoras + passagens) e também em plano sequência. Neste segundo caso, é sugerido aos videorepórteres o uso do formato 'selfie' por facilitar o enquadramento com o entrevistado, visto que a câmera frontal possui um "retorno" de imagem. No caso das reportagens "padrão", os videorepórteres são responsáveis por capturar imagens de apoio para cobrir os offs e gravar as sonoras. (REFAEL, 2022, informação verbal⁵)

Quanto as pautas, Rafael (2022) explica ainda que esses profissionais são orientados a buscar temas e coberturas que possam se encaixar dentro do perfil esperado pela direção de jornalismo para uma videoreportagem. Além disso, são orientados sobre como melhorar a coleta do material na rua. Afinal, os videorepórteres precisam estar atentos a todos os elementos necessários para construir uma reportagem nesse formato.

De acordo com Araújo (2022), editor chefe do RN2, apesar de realizarem a maioria das tarefas de forma individual, esses repórteres recebem suporte da redação da emissora. Quando necessário, são apuradas e repassadas informações a eles, além dos direcionamentos das pautas dados pelos editores dos jornais.

Atualmente o videorepórter é requisitado em praticamente todas as situações, principalmente pela questão da agilidade. É usado também para fazer um tipo de jornalismo mais solto, menos engessado, com uma linguagem mais próxima do jovem e da internet. A vantagem é a agilidade e a linguagem diferenciada que se permite ter com o videorepórter. No entanto, há certas dificuldades na captação de áudio e vídeo, como ruídos em sonoras, falta de imagens mais trabalhadas. (ARAÚJO, 2022, informação verbal⁶)

Por ser responsável por todas as tarefas, que antes eram compartilhadas entre dois ou mais profissionais que compunham uma equipe de reportagem, os cuidados iniciais ao começar o trabalho diário são com os equipamentos que serão utilizados. Jerônimo (2022, informação

⁴ Entrevista concedida por Isaiana Santos, videorepórter da Inter TV, ao jornalista Francisco das Chagas Sales Júnior, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, em 21 de junho de 2022.

⁵ Entrevista concedida por Norton Rafael, editor chefe da Inter TV, ao jornalista Francisco das Chagas Sales Júnior, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, em 20 de junho de 2022.

⁶ Entrevista concedida por Antônio Ricardo Araújo, editor chefe da Inter TV, ao jornalista Francisco das Chagas Sales Júnior, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, em 21 de junho de 2022.

verbal⁷), que atua como videorepórter na Inter TV, explica que “ao chegar, é checado todo equipamento a ser utilizado em formato de kit: smartphone, suporte e estabilizador, tripé, equipamentos de áudio e adaptadores, carregadores portáteis”.

Trindade (2022), videorepórter da emissora, detalha ainda que, no local da pauta, é preciso ligar os equipamentos e entrar em contato com o setor de engenharia da emissora para fazer o teste do sinal, transmitido pela internet. Após a liberação técnica da transmissão é que entra em contato com o editor do jornal. Segundo o jornalista, essas operações são realizadas pelo menos duas vezes, dentro do horário de cada telejornal, uma vez que ele faz pelo menos duas entradas ao vivo, de locais diferentes.

Ao chegar do local da matéria ou da entrada ao vivo, o VR, como é frequentemente chamado nas redações, tem que produzir, roteirizar a entrada ou a matéria e filmar. Por essa razão, quando é necessário fazer um factual ao vivo em um telejornal, às vezes, a etapa de pré-produção é ignorada devido a necessidade de entrar no ar o quanto antes. Assim sendo, a escolha dos personagens e até mesmo a apuração de algumas informações é feita no ar, acompanhada pelos telespectadores. (TRINDADE, 2022, informação verbal⁸)

A agilidade é apontada como a principal justificativa para utilização do trabalho do videorepórter no telejornalismo contemporâneo, além da modernização das rotinas produtivas no jornalismo em TV. Afinal, com equipamentos portáteis eles conseguem estar presentes em locais onde as equipes convencionais não conseguiriam ou com condições de entrar ao vivo no exato momento em que os fatos estão ocorrendo. Esses profissionais também proporcionam a experimentação de novos formatos, próximos do que é produzido na internet e redes sociais, para aproximar a televisão do público mais jovens, familiarizado com essa linguagem.

No entanto, verifica-se que essa prática também contribui para a precarização do jornalismo profissional. As tarefas que antes eram realizadas por dois ou mais profissionais passam a ser feitas por apenas um. Santos (2022) destaca que a maior dificuldade enfrentada pelo videorepórter é o acúmulo de funções. O fato de realizar várias atividades acaba comprometendo a gravação do material e a qualidade. “Acaba que você leva muito tempo porque você precisa filmar e apurar. Sem contar que você não tem muitas opções de imagens para cobrir a matéria” (SANTOS, 2022, informação verbal).

⁷ Entrevista concedida por Geraldo Jerônimo, videorepórter da Inter TV, ao jornalista Francisco das Chagas Sales Júnior, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, em 21 de junho de 2022.

⁸ Entrevista concedida por Pedro Trindade, videorepórter da Inter TV, ao jornalista Francisco das Chagas Sales Júnior, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, em 18 de junho de 2022.

Manter a qualidade do material captado para as reportagens é mesmo a principal dificuldade apontada pelos jornalistas que trabalham como videorepórter. Pelas limitações do trabalho individual e dos equipamentos portáteis, os planos e enquadramentos são mais pobres e menos variados e, nas entradas ao vivo, os movimentos são quase inexistentes quando tem entrevistado, uma vez que é complicado entrevistar e filmar ao mesmo tempo. Em alguns casos, quando o repórter movimentava a câmera durante o link, a imagem saía tremida ou fora da estética televisiva tradicional.

Dificuldades naturais são as de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, como entrevistar, captar a imagem, verificar áudio captado, e conduzir a entrevista, por exemplo. Outra é o formato para produção de conteúdo específico devido à qualidade da imagem e áudio captado. Como em matérias que necessitam de uma melhor produção cinematográfica e que requer equipamentos mais adequados. (JERÔNIMO, 2022, informação verbal)

Trindade (2022) também lembra dos riscos que o profissional está sujeito pelo fato de trabalhar sozinho, especialmente em coberturas consideradas de risco. “Em locais violentos, é necessário atentar-se para não ser assaltado, por exemplo, uma vez que o profissional está com equipamentos de valor. O mesmo cenário acontece em protesto, mas, neste caso, há o risco de violência física” (TRINDADE, 2022, informação verbal).

Por tanto, apesar da modernização e agilidade proporcionadas pelo trabalho do videorepórter no telejornalismo contemporâneo, a produção de conteúdo por esses por esse profissional enfrenta dificuldades. Seja para conseguir exercer múltiplas tarefas ao mesmo ou para manter a qualidade de imagem e som captados ou mesmo para construir um jornalismo televisivo profissional. Mesmo assim, se mostra uma atividade que vai se manter, se desenvolver e se reconfigurar ainda mais nos próximos anos.

Considerações finais

Os aspectos históricos dos profissionais de telejornalismo identificados na pesquisa de Kneipp (2008) revelam três fases iniciais do processo de formação, que ao longo do tempo está sempre se reconfigurando, em função da tecnologia, das mudanças sociais e das novas práticas sociais da contemporaneidade. Iniciou-se pela aventura radiofônica, onde profissionais transpuseram para TV o que faziam no rádio, caracterizando um “rádio com imagens”. Depois, num segundo momento, tivemos a contribuição dos cineastas à fase que compreendendo as décadas de 1970 e 1980, denominada de cinematográfica e modelo americano. E seguida da terceira fase, de 1990 até meados dos anos 2000, denominada de fase internet e SBTv-T, que

revela o início do processo de digitalização, com as polêmicas, legislações e tecnologias envolvidas. Processos semelhantes também podem ser identificados no Rio Grande, principalmente na atualidade onde o profissional é convocado a assumir todas as atividades do processo de produção de uma reportagem televisiva, como videorepórter.

Com a chegada da televisão do Nordeste, na década de 1960, os gerentes das primeiras emissoras tiveram que enfrentar dificuldades para capacitar as equipes que iriam produzir os programas e colocar a programação no ar. Uma carência de mão-de-obra especializada que comprova o imprevisto que foi a implantação da TV no Brasil, principalmente no processo de regionalização. Nos estados nordestinos, foi preciso contar com profissionais de outras áreas para colocar em funcionamento os primeiros canais da região. Diante da necessidade, também foram recrutadas pessoas que não tinha nada a ver com a comunicação nem com as áreas afins.

No Rio Grande do Norte, verifica-se que o telejornalismo foi se desenvolvendo de forma muito lenta nos primeiros anos de implantação da televisão potiguar. Inicialmente, os noticiários eram produzidos apenas pela TVU, que naquela época tinha como foco principal atender as finalidades educativas do projeto Saci, com a transmissão de tele aulas. Com o surgimento dos primeiros canais comerciais do estado, cresceu não apenas a oferta de telejornais locais como também houve a reconfiguração dos formatos e dos conteúdos veiculados. A linguagem se tornou mais popular e os temas das comunidades ganharam destaque ainda maior. Mudanças que atendiam os anseios do público na época, comprovando que o jornalismo televisivo se desenvolve de acordo com as demandas e práticas sociais do período em que está sendo produzido.

Com a implantação da TV Digital, o telejornalismo ganha mais qualidade de imagem e som. Os avanços tecnológicos possibilitaram ainda a mobilidade, a interação com o público e novas possibilidades de produção das reportagens e transmissões pela internet. Contribuindo para tornar o trabalho das equipes ainda mais ágeis. No entanto, essa transição tecnológica aconteceu ao mesmo tempo que ocorriam mudanças administrativas no controle das empresas de comunicação. Com isso, observamos reestruturação na programação e de pessoal, reduzindo as equipes nas redações e, cada vez mais, aumentando a exigência por profissionais multitarefas.

Nesse contexto, é que surge a figura do videorepórter, responsável por realizar atividades que antes eram realizadas por dois ou mais profissionais. Além de maior agilidade, foi exigido deles mais eficiência na produção, gravação e edição das reportagens. O que nem sempre é possível, diante da rotina corrida e sobrecarregada. O resultado é observado na qualidade das imagens e sons, muitas vezes tremidas e com ruídos, que vai ao ar todos os dias nos telejornais locais. A precisão nas informações também se tornou algo questionável.

Além de comprometer a diversidade de conteúdo e de formatos e a apuração das informações, as atividades realizadas por um único profissional acaba por contribuir para a precarização da profissão de jornalista. Afinal, colabora para a redução de pessoal nas equipes e, conseqüente, demissão de profissionais especializados em determinadas áreas da televisão. Não bastasse isso, ainda contribui para a redução do mercado jornalístico local.

Por tanto, ao analisar o telejornalismo contemporâneo foi possível identificar novas práticas e elementos, que surgiram a partir do desenvolvimento tecnológico e da própria atividade jornalística na televisão. Além disso, verificamos como os dispositivos móveis e a colaboração dos telespectadores contribuíram para a construção de um jornalismo cada vez mais ágil, dinâmico e em sintonia com as demandas sociais, que é uma das razões do jornalismo profissional existir e se manter vivo e atuante.

Referências:

ALIAGA, Ramon Salaverria. AVILÉS, José Alberto García. MASIP, Pere Masip. **Concepto de convergência periodística.** Disponível em: https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/23730/1/cap3_concepto_de_convergencia_periodistas_pp41-64.pdf. Acesso em: 05 de julho de 2022.

ARAÚJO, Antônio Ricardo. **[Videorepórter]**. WhatsApp: [Contato Antônio Ricardo]. 21 de jun. 2022. 23:13. 1 mensagem de WhatsApp.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil.** In: RIBEIRO; Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs). História da televisão no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

BEZERRA, Cristina D'Oliveira Vidal. **A primeira emissora comercial do Rio Grande do Norte: uma história da TV Ponta Negra.** In: KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos (org.). Trajetória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica. Rio Grande do Norte: Edufrn, 2017.

JERÔNIMO, Geraldo. **[Videorepórter]**. WhatsApp: [Contato Geraldo Jerônimo]. 20 de jun. 2022. 10:06. 1 mensagem de WhatsApp.

JÚNIOR, Francisco. **RNTV: a notícia no ar.** Natal, RN: Francisco Júnior, 2014.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos; SALES JÚNIOR, Francisco das C. **Por uma nova ecologia da televisão regional: Um estudo da TV no Rio Grande do Norte.** In: Cenas audiovisuais. SUING, Abel; FALANDES, Carolina; KNEIPP, Valquíria. Aveiro: Ria Editorial, 2021.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos (org.). **Trajetória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica.** Rio Grande do Norte: Edufrn, 2017.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. **Trajatória de formação do telejornalista brasileiro** – as implicações do modelo americano. Tese de doutorado. Eca/USP: São Paulo; 2008. Disponível: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-27042009-121921/publico/2157520.pdf>>. Acesso em 5 jul. 2022.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos Kneipp. **Vídeoreportagem transmídia/crossmedia: uma estratégia para o RNTV**. Revista Comunicação & Informação., Goiânia, GO, v. 21, n. 1, p. 37-50, jan./mai. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/43087>. Acesso em 06 de junho de 2022.

LINS, Aline Maria Greco. **Quando a televisão ainda era uma aventura no nordeste brasileiro**. In: KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos (org.). *Trajatória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica*. Rio Grande do Norte: Edufrn, 2017.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 5. ed. rev. e ampl, 2010.

PEDROZA, Ciro José Peixoto. **Ver + Aprender + Fazer / Canal 5: Anotações para uma história da primeira televisão do Rio Grande do Norte**. In: KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos (org.). *Trajatória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica*. Rio Grande do Norte: Edufrn, 2017.

RAFAEL, Norton. **[Videorepórter]**. WhatsApp: [Contato Norton Rafael]. 20 de jun. 2022. 11:11. 1 mensagem de WhatsApp.

SANTANA, Jorge José B. **A televisão pernambucana por quem a viu nascer**. Recife: Ed. do autor, 2007.

SANTOS, Isaiana. **[Videorepórter]**. WhatsApp: [Contato Isaiana Santos]. 21 de jun. 2022. 21:02. 1 mensagem de WhatsApp.

SOUZA, Arildo Gabriel de Lima; KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. **A invenção da televisão potiguar: uma trajetória da TVU-RN**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 19, 2017, Fortaleza, CE. [Anais eletrônicos]. Fortaleza, CE, 2017. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0584-1.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

THOMAZ, Patrícia. **A linguagem experimental da videoreportagem**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Marília, 2007.

TV UNIVERSITÁRIA. 2022, Natal. **Histórico da TVU**. Disponível em: <<http://www.tvu.ufrn.br/pagina.php?a=historia>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

TRINDADE, Pedro. **[Videorepórter]**. WhatsApp: [Contato Pedro Trindade]. 18 de jun. 2022. 14:51. 1 mensagem de WhatsApp.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. (5Ed.). Porto Alegre: Bookman, 2015.